

POEMAS NEGROS. UM TRIBUTO AO MOVIMENTO BLACK LIVES MATTER E A TODAS AS VÍTIMAS DE RACISMO

VIDAS IMPORTAM (Robson Teles)

Vidas importam
Porque exportam emoções
Que não conhecem espaços
Ou traços faciais

Vidas importam
Sem limites geográficos
Porque não são gráficos
Ou vítimas pra sádicos
Armados de ódio

Vidas importam
Não porque são cores
Mas porque têm
No mínimo
O direito de existir

Vidas importam
E devem brincar
E devem respirar
E devem buscar consolo na mãe

Vidas importam
E portas não podem se fechar
Para pretos

Vidas importam
E vozes não vão silenciar
Numa senzala disfarçada
De falsa igualdade

Vidas negras importam
Negras vidas importam

Importam e exportam palavras e gestos
Nestes restos
Que querem oferecer

Vidas negras importam
De maneira plena
Toda vida vale a pena
Porque nenhuma alma é pequena!

Robson Teles (1970), dramaturgo, encenador, professor, nasceu em Recife. Tem Doutorado em Literatura e Cultura pela UFPB. É Professor da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, Professor de Linguagens do Ensino Médio do Colégio Santa Maria. É Vice-Presidente do ICOL (Instituto Cultural Osman Lins), membro do GETE (UNICAP) e do Conselho Deliberativo da ASLE Brasil.

PESTE BRANCA (Odailta Alves)

“Lavem as mãos”, orienta o médico da televisão
Água, sabão
Na bolsa, álcool gel
“Não saiam de casa”, aconselham as celebridades em suas mansões
É hora de reaproximar a família,
Assistir seriados,
Os idosos... uma ilha ... deserta

Esse vírus não vê classe
Não vê cor
Não vê raça

Enquanto isso...
No barraco de dona Ana
Há trinta dias a água
Não dá o ar da graça
E Graça, se não sair, não come
Para ela o pior vírus é a fome
Que a contamina todo dia,
Maria não tem portas para fechar
Ficar em casa é piada
Ou rima suja de poesia
Dorme ao relento

E o governo cego, genocida... cruelmente lento
Lava as mãos
Para que a Peste Branca crucifique o nosso povo.

PRETA VISÃO (Odailta Alves)

Eu vejo racismo em tudo
É verdade
Em tudo eu vejo racismo!
No olhar admirado para meu cabelo black
Se questionando se cheira ou fede
Naqueles adolescentes empurrados à parede
“Perna aberta. Mão na cabeça, negão!”
Na tropa de choque
No quilo da charque
No navio negreiro terrestre: camburão

Eu vejo racismo em tudo!
No mercado negro, na coisa preta
No elevador de serviço
No eleva-dor da morte
Que mata o filho da empregada
No epistemicídio que silencia
Meus heróis, realezas, cientistas
E alimenta a História eurocentrada
Na nuvem negra que eleva os corpos pretos ao céu

Eu vejo racismo em tudo
A cor nos presídios
A mão que limpa o vidro do carro
A cor branca sob a toga preta
A mão que toma posse
O corpo que não foi à Europa
Mas perde o ar... tosse
E morre em meio à pandemia
Vejo racismo no descaso com a anemia
Falciforme... no descaso com fome

Eu vejo racismo em tudo
É verdade
Em tudo eu vejo racismo
Inclusive na tua cara pálida lendo esse poema
E pensando: “Que mimimi... que vitimismo!”

MINIBIOGRAFIA

Odailta Alves (1979), escritora, educadora, atriz e ativista dos Direitos Humanos, nasceu na favela de Santo Amaro (Recife/PE). Mulher negra, foi a primeira a aprender a ler dentro do barraco. Tem Mestrado em Linguística pela UFPE e é concursada na Secretaria de Educação de PE, onde trabalha com formações antirracistas. Tem cinco

livros publicados: *Clamor Negro*, *Cativeiros de Versos e Letras Pretas* (poemas), *Escrevivências* e *Pretos Prazeres* (contos).